

Monólogo marca a residencial campanha

Villas-Bôas Corrêa

Na campanha presidencial, que deve ser dominada pela televisão e pelo rádio, não aconteceu até agora, a cinco meses e 11 dias do primeiro turno, a 15 de novembro, nenhum debate entre a dezena de candidatos assumidos e com registro partidário garantido.

Os candidatos cruzam-se, por vezes, em duplas ou grupos formados circunstancialmente, em encontros promovidos por entidades as mais diversas. Aos quais, em geral, os favoritos não comparecem.

Pelas câmeras de TV e pelos microfones das rádios, o público tem sido servido por entrevistas em penca, num excesso que costuma multiplicar presenças no mesmo horário em canais diversos, em engarrafamento que desorienta e enfara o pobre do telespectador ou o atarantado ouvinte.

Intrigantemente, que se saiba, nenhuma emissora de TV ou estação de rádio tentou organizar rodada de debate entre presidenciais, aproveitando-se das vantagens do período que se esgota a 17 de agosto, com final do prazo para registro dos candidatos. Até lá, ninguém está algemado pelas restrições severas da legislação que democratiza a distribuição do tempo mas complica a montagem de programas.

Pelo visto, a campanha do primeiro turno não assistirá a confronto entre aspirantes à sucessão do presidente José Sarney.

Até agora, por desinteresse das emissoras. Daqui por diante, pelo retraimento do favorito das pesquisas, Fernando Collor de Mello. Não é novidade a inapetência dos líderes da preferência do eleitorado pelo debate com adversários com índices mais modestos nas pesquisas. O raciocínio tático pousa em lógica elementar: quem ponteia o lote nada tem a ganhar no confronto com os que se embolam na relação dos menos cotados.

Não se trata de tática que deva ser anunciada com suas espertas justificativas. Convém dissimular sempre. Enquanto possível, driblando convites com a desculpa da agenda carregada de compromissos inadiáveis. Quando a excusa se esgota, apela-se para o argumento escapista: o candidato favorito, consciente das suas

responsabilidades, prefere aproveitar o espaço para expor seus planos miraculosos de salvação nacional, evitando bate-boca que costuma baixar a níveis de xingamento, envolvendo até nome de mãe.

Enquanto Collor estiver liderando pesquisas, fugirá de debate como *marajá* do trabalho. Se a roda da fortuna inverter o giro, a conversa será outra.

Ora, sem Collor, na posição privilegiada que ostenta, o debate perde a graça, não dá lbope. A atração que mobilizaria a atenção nacional seria, hoje, o cara-a-cara entre Collor e Brizola,— não por acaso o primeiro e segundo colocados nas últimas pesquisas.

Para certos candidatos, a exposição tranqüila, sem interrupções perturbadoras, oferece melhor possibilidade de convencimento do eleitor do que a discussão com opositores, nem sempre contida pela veemência dos temperamentais.

Para outros, poucos, o debate é a arma preferida, testada em êxitos celebrados. Brizola, por exemplo, pela-se por um debate. Já o doutor Ulysses é muito mais chegado ao monólogo. Quanto a Collor, depende